



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS-III  
DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

**JOSEAN SILVANO BARROS**

**O CORDEL ENQUANTO FERRAMENTA DE ENSINO EM  
GEOGRAFIA**

GUARABIRA-PB  
SETEMBRO/2013

**JOSEAN SILVANO BARROS**

**O CORDEL ENQUANTO FERRAMENTA DE ENSINO EM  
GEOGRAFIA**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Centro de Humanidades Osmar de Aquino, Campus III, Guarabira – PB, tendo em vista a linha de pesquisa: O ensino da geografia na escola. Fundamental e médio. Em cumprimento aos requisitos básicos para a aquisição do grau de licenciado, sob orientação da professora Maria Juliana Leopoldino Vilar.

GUARABIRA- PB  
SETEMBRO/2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

B256c Barros, Josean Silvano

O cordel enquanto ferramenta de ensino em geografia / Josean  
Silvano Barros. – Guarabira: UEPB, 2013.

30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Geografia) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof<sup>a</sup>. Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar.

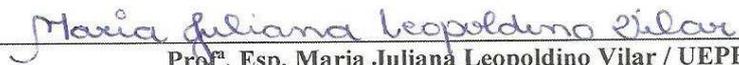
1. Literatura de Cordel 2. Geografia - Ensino 3. Espaço  
Geográfico I. Título.

22.ed. CDD 910

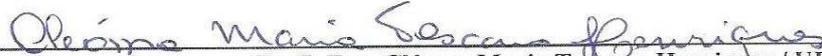
**JOSEAN SILVANO DE BARROS**

**O CORDEL ENQUANTO FERRAMENTA DE ENSINO EM  
GEOGRAFIA**

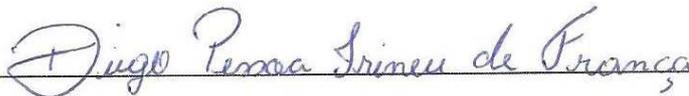
Aprovado em 04 / 09 / 2013



Prof.<sup>a</sup>. Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar / UEPB  
Orientadora



Prof.<sup>a</sup>. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques / UEPB  
Examinadora



Ms. Diego Pessoa Irineu de França / UFPB  
Examinador

GUARABIRA / PB  
SETEMBRO/2013

## O CORDEL ENQUANTO FERRAMENTA DE ENSINO EM GEOGRAFIA

### RESUMO

A literatura de cordel pode ser entendida como um recurso didático, por ser um elemento descritivo de uma realidade sócio/cultural. Neste caso, é uma leitura do espaço geográfico à visão de poetas populares. Dessa forma o trabalho objetiva desenvolver a capacidade crítica e reflexiva dos alunos mediante a leitura do espaço geográfico, através da literatura de cordel nas aulas de Geografia do ensino Fundamental II. Desse modo, o trabalho busca retratar as raízes nordestinas locais, ao mesmo tempo, a realidade e a ficção, em meio ao ensino-aprendizagem, com a arte poética do cordel na perspectiva geográfica, para que os alunos confeccionem um folheto à luz da geografia local. Para tanto, parte-se do método etnográfico a cerca da pesquisa participante de modo a evidenciar as suas diferentes modalidades de observação do espaço, pois segundo André (2010), este método descreve as ações cotidianas em meio às ações e representações dos seus atores sociais, dentro do espaço geográfico. Diante da realidade local, a confecção do folheto de cordel permitiu ao aluno percepção de conteúdos geográficos, materializada em forma de rimas simples, na tentativa de construir a leitura do espaço visível de forma poética, porém realista, a partir dos conteúdos estudados de um dado recorte espacial, identificados na cidade de Mogeiro- PB.

**Palavras chave:** Literatura de cordel, ensino de geografia, cordel como ferramenta de ensino, leitura do espaço geográfico.

### 1 INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia vem passando por significativas modificações decorrentes dos novos rumos que a sociedade assume mediante as transformações espaço-tempo – o processo de mundialização, e mesmo da globalização. É fator indispensável para o homem moderno que necessita de um ambiente escolar, significativo e construtivo, que o leve mais próximo da nova realidade, a societal (sociedade da informação e comunicação).

Segundo Castrogiovanni (2009), pensar globalmente significa compreender como é o mundo, sua organização, sua transformação, a ação do capital, a informação e o Estado numa sociedade mundializada. Nesta perspectiva, a dinâmica moderna exige do ensino de Geografia

uma rápida adaptação às novas tendências pedagógicas e aos novos caminhos que a tecnologia e mesmo as novas concepções didáticas apresentam.

Segundo Filizola (2009), o professor deve redobrar os esforços de modo a acompanhar a velocidade das transformações pelas quais o mundo passa a exercitar novas maneiras ou possibilidade de vivê-lo e de superar suas contradições. Daí a importância de se adaptar novos conteúdos ao objetivo da Geografia para cada lugar. Neste sentido, o livro didático mostra-se como um instrumento eficiente, mas que revoga ao professor o seu papel de mediador insubstituível dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Mediante o exposto, a literatura de cordel pode ser entendida como um recurso didático, haja vista que é um elemento descritivo de uma realidade sócio/cultural. Neste caso, é uma geografização do espaço a visão de poetas populares. Os cordéis, folhetos e livretos possuem uma carga simbólica que nos remetem a uma visão positivista do Nordeste do Brasil. Ao mesmo tempo, as características de tais traduções culturais estão relacionadas a uma tradição oral, em que a sua forma escrita busca preservar a oralidade do povo sertanejo, devido ao fato do cordel ser feito não apenas para ser lido, mas sim para ser ouvido, e construído por quem produz do povo e para o povo.

Atuando na vida cultural nordestina, o poeta de cordel expressa, em seus folhetos, sua sensibilidade diante do mundo. Ele também imprime, nesses poemas, de forma crítica ou mesmo conservadora, características próprias de seu fazer poético. Um fazer calcado em experiências de vida, que se materializam nos textos e nos versos, através da representação, interpretação e compreensão do cotidiano de homens e mulheres comuns (ARAÚJO, 2007, p.23).

Na visão de Santos (2006), a formação inicial do professor de Geografia, deve preocupar-se com a interpretação do espaço geográfico, na relação entre a escala local e a global, contextualizando os conteúdos de maneira que supere a análise fragmentada e superficial do espaço. Nestas perspectivas de leitura espacial, Stuart Hall (2006) diz que o local pode ser compreendido a partir das condições da multiculturalidade da sociedade moderna, considerando a realidade concreta do espaço vivido. Seja diante do hibridismo cultural, com possibilidades de reconhecer as relações espaciais e mundiais a partir das peculiaridades locais, ou mesmo de relatos surrealista do espaço, como as descrições da literatura de cordel.

As razões da escolha da nossa temática partiram da ampla discussão das condições escolares condizentes com a sua realidade, como é o caso das da identidade regional. Assim, lançamos um estudo que imprima na aprendizagem do aluno o valor e o respeito à identidade

social, perante suas territorialidades. Ao mesmo tempo em que identificamos a ausência de aspectos local/regionais como requisitos curriculares nos livros didáticos. O que torna o ensino pouco significativo para o alunado.

O presente artigo se justifica a partir do momento que inserimos a literatura de cordel como ferramenta educacional, que pode ser desencadeada dentro do contexto didático nos mais diversos contextos. Assim, a escolha deste recurso didático para as aulas de geografia na escola Estadual Otávia Silveira, no ensino fundamental, da cidade de Mogeiro- PB partiu diante da desmotivação dos alunos do ensino fundamental com as aulas de Geografia. Para tanto, utilizamos a literatura de cordel como recurso de educação e comunicação popular, uma vez que aborda fatos do dia a dia das pessoas e, sobretudo, retrata aspectos culturais de determinada região. “O poeta-jornalista resume, sintetiza, com o mesmo objetivo: tornar acessível à compreensão da massa rude um tema difícil que, na linguagem oficial, ficaria ignorado” (BELTRÃO, 2001, p. 159).

Segundo Araújo (2007), “nas complexas redes de relações sociais e culturais tecidas no cotidiano, os saberes e as práticas produzidos pelos sujeitos sociais encontram no cordel sua visibilidade, pois essa forma de poesia narrativa em verso fala, quase sempre, das pessoas ordinárias, comuns e de suas vivências” (ARAÚJO, 2007, p. 30). O cordel, representação do Nordeste, fala de sua gente, de seu sofrimento, de suas humilhações, de seus sonhos... há muito tem influenciado romancistas brasileiros, a exemplo de José Lins do Rego, “Cangaceiros” (1953); de Graciliano Ramos, “Vidas Secas” (2000), e Ariano Suassuna, “A Pedra do Reino” (2005).

De acordo com Barros (2008), é o surrealismo, o mito e a lenda do cordel que constituem a dimensão sócio/cultural da força da literatura regionalista. Logo, compreender o espaço a partir do sentimento identitário, das formas paisagísticas locais é uma tarefa que requer significativas percepções do espaço como teatro das ações sociais. Neste caso, partiremos de um ensino local para compreender o global.

No cordel, o poeta popular procura de forma versificada e poética, dar respostas a uma situação social e histórica específica. Através de uma linguagem própria, poética o cordel expressa o viver e o pensar da região, embora escrita, o cordel carrega suas marcas na forma oral e escrita.

Para confecção dos cordéis nos preocupamos apenas pelas rimas. E através do jogo sonoro identificamos uma linguagem carregada com sua regionalidade, pois o público leitor-ouvinte consegue compreender o que ele traz quanto a ele tem acesso. Por conseguir exercer um papel social e cultural o cordel é uma excelente ferramenta de ensino e de aprendizagem.

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem deve) encerrar-se nela. (LAJOLO, 2002, p.7).

As rimas e os versos dos cordéis são de fácies assimilação e possui um aspecto prazeroso. Ao ler ou ouvir os cordéis, adultos, jovens e crianças se envolvem com suas histórias, pelo ritmo e sonoridade com que elas são apresentadas, despertando o interesse e fugindo aos padrões gramaticais convencionais.

Num primeiro momento lançamos um olhar sobre as questões do ensino de Geografia, assim como, analisar os cordéis em Geografia. Em seguida materializar as atividades em campo, para daí produzir os cordéis diante das análises dos cordéis em Geografia.

Dessa forma o trabalho objetiva desenvolver a capacidade crítica e reflexiva dos alunos mediante a leitura do espaço geográfico, nas aulas de geografia, através da literatura de cordel, desse modo, tentar retratar as raízes nordestinas e, ao mesmo tempo, a realidade e a ficção, em meio ao ensino-aprendizagem com a arte poética do cordel dentro da geografia, para assim, os alunos do 8º ano confeccionar um folheto de cordel com visões da geografia local.

## **2 UM OLHAR SOBRE AS QUESTÕES DO ENSINO DE GEOGRAFIA**

A escola é um lugar de encontro de culturas, de saberes científicos e de saberes cotidianos, ainda que o trabalho didático tenha como referência básica os saberes científicos. A escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares. A Geografia escolar é uma das mediações por meio das quais esse encontro e confronto se dão.

O espaço construído resulta da história das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. Isto resgata a questão da identidade e a dimensão do pertencimento. É fundamental, neste processo, que se busque reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, às paisagens e tornam significativo o seu estudo (CALLAI, 2009, p. 84).

No ensino de Geografia, os objetos de conhecimento, entre outros elementos, são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico. São os resultados da cultura geográfica elaborada cientificamente pela humanidade e considerada relevante para a formação do aluno. Propostas atuais de um ensino crítico de Geografia são pautadas pela necessidade de se trabalhar com os saberes escolares sistematizados de forma crítica, criativa, questionadora, buscando favorecer sua interação e seu confronto com outros saberes.

A Geografia como disciplina escolar ainda tem estigma de ser meramente uma disciplina que discorre sobre localização de países, regiões, estados, cidades, na qual descreve seus aspectos naturais e populacionais, tais como o tipo de vegetação, clima, hidrografia, geomorfologia, pedologia e o quantum de população contêm em um determinado local de análise (LOPEZ, 2010, p.26).

O ensino de Geografia deve propiciar ao aluno da educação básica, a alfabetização geográfica, e posteriormente, a análise, reflexão e crítica do espaço geográfico. Os educandos devem compreender os conceitos geográficos, valorizando-os assim, como o profissional da educação. E para isso, a formação inicial do professor é de fundamental importância, pois como mostra Freire 2001:

Ninguém deixa seu mundo, adentrando por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo milhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência (...) a mão que apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase (...). Uma palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afogada sempre na inibição, no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco (FREIRE, 2001, p. 32-33).

Ensinar Geografia é abrir espaço na sala de aula para o trabalho com os diferentes saberes geográficos “trazidos” pelos agentes do processo de ensino: alunos e professores. Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade, pelos bairros, constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios; vão formando, assim, espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e vão contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos.

Estudar e compreender o lugar, em geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais ou humanas. Muitas vezes as explicações podem estar fora, sendo

necessário buscar motivos tanto internos quanto externos para se compreender o que acontece em cada lugar (CALLAI, 2009, p. 84).

Neste contexto, os professores podem ser entendidos como um dos maiores responsáveis pela formação de cidadãos críticos e ativos. Para tanto, devem dominar determinadas técnicas que irão lhes servir de subsídio para que possam melhor desempenhar o seu papel de instruir e preparar os educandos para toda uma vida de desafios e vitórias. “Os professores têm varias responsabilidades profissionais: conhecer bem a matéria, saber ensiná-la, ligar o ensino à realidade do aluno e a seu contexto social, ter uma pratica de investigação sobre seu próprio trabalho” (LIBANEO et al, 2007, p.289).

Segundo Cavalcante (1998), ao construírem Geografia, professores e alunos constroem conhecimentos sobre o que produzem, que são conhecimentos geográficos. Então, ao lidar com as coisas, fatos, processos, na prática social cotidiana, como observar, descrever, analisar, orientar-se, argumentar, entre outras, os indivíduos vão construindo e reconstruindo uma geografia e um conhecimento dessa geografia. Para tanto, é importante que os alunos sejam estimulados a pesquisar as atividades feitas fora da sala de aula, pois possibilitam aproximarem o conhecimento escolar da realidade vivida por eles ou por outro grupo social.

## **2. 1 Cordel em Geografia: uma ferramenta de ensino**

A literatura de cordel apresenta-se como uma rica fonte de informação para pesquisa em diversas áreas, dentre estas a educação. A diversidade de informações presentes nos folhetos permite um acesso a vivencia cultural nordestina. Essa literatura produzida no Nordeste do Brasil tem registros desde o século XIX.

Segundo Luyten (2005, p. 13), “o nome ‘cordel’ vem da Península Ibérica, se deve ao costume, na Espanha e Portugal, de se colocarem os livretos sobre barbantes (cordéis) estendidos, em feiras e lugares públicos, de forma semelhante à roupa em varal.” A expressão “literatura de cordel” foi criada mais tarde pelos estudiosos desse tipo de poesia popular. A origem do cordel no Brasil remonta ao final do século XIX, no Nordeste.

No Brasil os primeiros folhetos de cordel foram trazidos pelos portugueses, em suas bagagens, bem no início da nossa colonização. Esta tradição do romanceiro do povo, que se fixaria no Nordeste como literatura de cordel; “os folhetos” caíram na graça das pessoas que não tinham acesso às grandes obras literárias da época.

No Nordeste, em especial nos estados de Pernambuco, Paraíba e Ceará, a literatura de cordel além de outros baseia-se em fábulas e histórias maravilhosas, chamadas “de trancoso”, também é comumente utilizada como ferramenta de comunicação e transmissão de conhecimento entre as comunidades. (SILVA, 2012). Na cultura popular é comum, embora menos frequente, geralmente, em dia de feira se esperar o repentista – aquele que faz verso de improviso ao som da viola - ou o vendedor de folhetos para contar as novidades e acontecimentos.

A literatura popular tornou-se uma das características peculiares dos costumes da região. Devido a condições sociais e culturais bem próprias, a literatura de cordel, configurou-se como ela é hoje, como uma característica da fisionomia cultural nordestina. Fatores sociais como: o surgimento de bandos de cangaceiros, a organização da sociedade patriarcal, desequilíbrios econômicos causados pelas frequentes secas, lutas entre famílias e outros fatores e outros fatores favoreceram o surgimento de grupos de poetas e cantadores, declamando e registrando escrita e/ou oralmente as ideias do pensamento coletivo e das manifestações populares.

A literatura de cordel consiste numa arte poética que retrata as raízes nordestinas e, ao mesmo tempo, retrata a realidade e a ficção. Os temas abordados envolvem desde a ficção até temas de cunho social, discutidos pela sociedade. Entre eles, podemos destacar: histórias de amor e aventuras (heroísmo), histórias fantásticas, biografias, fome, violência, acontecimentos políticos, assassinatos de pessoas famosas (Getúlio Vargas e Tancredo Neves), problemáticas sociais, etc. Entretanto, se destacam os temas relacionados à cultura nordestina, tais como: costumes, a religião (fazendo alusão a Padre Cícero e Frei Damião), cangaço (fazendo referência a Lampião), etc. (SILVA, *etal...*, 2010, p.7).

O uso de versos de cordel como metodologia de ensino de Geografia aprimora a capacidade criativa do aluno e o conduz a uma reflexão sobre o seu lugar, melhorando a compreensão de conteúdos geográficos. De acordo com Brennan (2003, p.80), o cordel devido a seu caráter informativo, aliado ao livro didático e outros recursos didáticos, pode tornar-se uma importante ferramenta no processo de ensino-aprendizagem.

A utilização da literatura de cordel como parte desse cotidiano leva o aluno a construir conteúdos geográficos sob forma de rimas simples; vão sendo construídos versos capazes de traduzir o sentimento do educando quando das histórias contada e em versos mais complexos a partir da leitura de conteúdos geográficos, como os que fazem parte desse artigo. Assim, o

cordel torna-se um recurso didático-educativo e intercultural à medida que educa e estabelece diálogos com diferentes culturas.

Através do cordel, o poeta põe em relevo desde as agruras do povo nordestino, que se materializam através da fome, de tensões sociais, de pobreza e de dificuldades de condições sociais, até a riqueza artística e cultural, iminentes ao povo da região. Mesmo diante das adversidades, o poeta de cordel não perde de vista sua sensibilidade poética, o que lhe permite inventar e reinventar, no texto cordelino, o que percebe no mundo social e o que compreende dele, de modo a levar ao seu público os dilemas que nele existem, sem, no entanto, deixar de imprimir aos versos uma beleza estética (ARAÚJO, 2007, p. 23-24).

Segundo Freire, (2001, p.33) “Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes?”

Um lugar é sempre cheio de história e expressa/mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza.

Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro”. (Santos, 1994, p.121).

A leitura do espaço permite que se faça o aprender da leitura da palavra, aprendendo a ler o mundo. A partir daí a geografia pode trabalhar com os conceitos que são próprios do seu conteúdo. A importância do cordel consiste também no fato de ser uma ferramenta que contribui para o desenvolvimento da leitura entre os alunos.

Entre as diferentes manifestações culturais e históricas da região nordestina, está a literatura de cordel, que propaga os aspectos folclóricos, na medida em que expõe diversos costumes, personagens (sejam eles imaginários ou reais), crenças, fábulas, histórias e tradições. E, para tanto, se utiliza de uma linguagem variada. Em alguns casos, utilizando-se do humor e da sátira, para expor seus objetivos. Isto é, para abordar diversas temáticas do cotidiano das pessoas (SILVA, *etal...*, 2010, p.7).

Diante da materialidade dos folhetos de cordéis identificamos um discurso representativo dos temas mais vivenciados pelos atores nordestinos. “Ela reflete as vivências, a imaginação, a fé, a devoção do povo nordestino e, por conseguinte, possibilita a investigação dos mais diversos processos culturais” (SILVA, *etal...*, 2010, p.6). Haja vista que nos estudos sobre o cordel cada procura traz marcas da época em que se foi feito.

O cordel é um recurso que não apresenta grandes dificuldades de compreensão para os alunos, já que a sua linguagem é em forma de versos rimados. A maioria dos folhetos de cordel tem rimas nos formatos de sextilhas, com o segundo, o quarto e o sexto versos rimando entre si. Essa linguagem da poesia de cordel é mais fácil de ser compreendida do que, por exemplo, um texto em prosa.

Os folhetos foram introduzidos no Brasil pelo cantador Silvino Pirauá de Lima e depois pela dupla Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. No início da publicação da Literatura de Cordel no país muitos autores de folhetos eram também cantadores, que improvisavam versos, viajando pelas fazendas, vilarejos e cidades pequenas do sertão. Com a criação de imprensas particulares em casas e barracas de poetas, mudou o sistema de divulgação. O autor do folheto podia ficar no mesmo lugar a maior parte do tempo, porque suas obras eram vendidas por folheteiros ou revendedores empregados por ela. (CASCUDO, 1939, p.16).

Esta literatura como recurso didático nas aulas de Geografia, além de proporcionar uma forma diferenciada de explicar a temática a ser trabalhada, chama-se a atenção dos alunos pelo fato de explorar temáticas vivenciadas pelos mesmos em seu cotidiano, fazendo uso também de uma linguagem mais dinâmica e acessível.

Abordar a presença da Literatura de Cordel em sala de aula implica refletir, entre outras coisas, sobre as concepções de leitura, literatura e ensino postos em prática no cotidiano das escolas. Seria propor uma forma de estimular os alunos a enxergarem o que há por trás dessas produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às vozes que ele traz consigo, pois essas são vozes capazes de expressar questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais.

### **3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa “O cordel enquanto ferramenta de ensino” foi realizada em uma Escola Pública, da Rede Estadual de ensino Otávia da Silveira da cidade de Mogeiro- PB, no Agreste paraibano, durante o ano letivo de 2013, mais precisamente entre os meses maio de junho. Tivemos como sujeitos participantes os alunos da turma do 8º ano do Ensino Fundamental. O número de sujeitos envolvidos foi vinte e dois (22) alunos, com idades entre 12 e 15 anos, sendo, 07 do sexo masculino e 15 do sexo feminino.

Esta pesquisa não surgiu por acaso. As idéias partiram durante as observações (estágio remunerado) das aulas do professor titular da disciplina, Josias Barros, onde relutamos um estudo voltado para o contexto identitário/regionalista daquela clientela. Daí partimos com a ideia de trazer como elemento de discussão e mesmo ferramenta de ensino, a Literatura de Cordel.

Para tanto, o presente trabalho baseou-se nos princípios metodológicos de Brandão (1983), que descreve a etnografia como método de trabalho. A pesquisa participante tenta evidenciar as suas diferentes modalidades da observação etnográfica, com registros de campo baseadas em pesquisas bibliográficas. Pois registra as práticas vividas pelos alunos no contexto do cotidiano escolar. Em nosso caso, a proposta foi inserir literatura de cordel e geografia dentro da análise do espaço geográfico. Para tanto, almejou-se compreender e construir geografia dentro de narrativas poéticas, em meio às práticas cotidianas mogeirense.

A etnografia por recusar qualquer possibilidade de arranjo de natureza experimental, e por, ao invés de estudar os sujeitos nos seus ambientes naturais, pode constituir uma ferramenta poderosíssima para a compreensão desses intensos e complexos diálogos intersubjetivos pedagógicos (FINO, 2008, p. 4).

Nesta perspectiva deste trabalho, a metodologia foi construída na tentativa de mostrar o cordel em sua dimensão educativa na perspectiva geográfica, além de perceber o folheto como um objeto estético, artefato cultural que configura e delinea a região local por meio de rimas e versos, na tradução cotidiana de um dado recorte espacial.

### **3.1 Materializando as atividades: observações e discussões**

A *priori*, este trabalho concentrou-se na pesquisa bibliográfica mediante o estudo de cordéis de renomados autores que trabalham com temáticas de cunho geográfico. Tal pesquisa foi essencial para subsidiar as discussões sobre a temática da utilização do cordel como instrumento didático-metodológico nas aulas de Geografia.

O primeiro momento da pesquisa iniciou-se no mês de maio de 2013 e consistiu na busca e seleção das fontes bibliográficas que deram sustentabilidade teórica ao estudo. Buscamos as fontes específicas na biblioteca da escola em questão. Selecionamos documentos (textos sobre o que é o cordel) e publicações (impressões de folhetos de cordel). Além dos autores do referencial teórico utilizados, dialogamos um com outros, cuja contribuição nos possibilitou o entendimento das reflexões realizadas.

As discussões aqui desenvolvidas contribuíram para o entendimento de conceitos acerca do ensino de Geografia considerados, aqui, essenciais para a compreensão do caráter educacional do cordel. Os alunos analisaram alguns autores, como José Pacheco, Vieira Guaipuan, Manoel Monteiro, Patativa do Assaré entre outros. Neste caso, os cordéis serviram como alternativas didáticas, capazes de subsidiar a contextualização da região local nas aulas de Geografia.

Feito a busca das fontes bibliográficas, procedemos com as análises e seleção dos cordéis que foram essenciais na pesquisa, utilizando como critério para essa seleção, aqueles que continham conteúdos geográficos na sua produção textual que posteriormente poderiam auxiliar na construção dos cordéis na sala de aula.

Partimos, portanto, para observação (compreensão do espaço geográfico visível), por um período de uma semana do mês de junho de 2013, a partir das constatações do contexto identitário sócio/escolar, procuramos discutir sobre as metamorfoses do espaço. *A posteriori*, vivenciamos etnograficamente as práticas cotidianas do povo mogueirense como forma de compreender melhor as peculiaridades do espaço, levando em consideração a complexidade paisagística do contexto local. Durante as observações em campo, constatamos que os alunos se interessaram pela geografia local em meio à leitura da paisagem.

Num segundo momento, demos respaldo ao trabalho de campo que constituiu em registros do visível (paisagem mogueirense) e desenvolvimento da produção/confecção de folhetos de cordéis realizados no mês de junho 2013, aproveitando o período de festejos juninos.

De acordo com André (2010), por meio das técnicas etnográficas de observação participante podemos documentar o não documentado e tentamos desvendar os encontros e desencontros que permeiam o cotidiano, ao mesmo tempo descrever as ações e representações dos seus atores sociais, e reconstruir sua linguagem, entre outros fazeres de cunho pedagógico dentro do espaço geográfico.

#### **4 ANÁLISES DE CORDÉIS EM GEOGRAFIA: Cordel, Geografia e Realidade**

A literatura de cordel como ferramenta didática nas salas de aulas podem ser utilizadas para promoverem a conscientização social acerca da defesa ambiental. Desta forma, o cordelista chama à atenção para um problema social que não é apenas local ou regional, mas nacional e mundial.

O cordel funciona como importante instrumento onde os poetas populares utilizam de suas linguagens simples e informais para alertar ou aproximar o povo participar ativamente da conservação ambiental. Para Freire (2005), é importante trabalhar o conhecimento concreto da realidade social, pois, é problematizando e analisando criticamente essa realidade que podemos pensar os sujeitos sociais e sua articulação com o mundo. E isso só é possível através de uma ação educativa que dê visibilidade a esses aspectos.

Dentre os cordelistas, destacamos Manoel Monteiro que no sentido da questão ambiental focaliza a questão da água. Em sua discussão, ele alerta para a importância da água e como a poluição tem se intensificado e agressiva ao meio ambiente. No folheto *Água é vida*, faz um trabalho referente à importância da preservação do meio ambiente. Nesse sentido, através desse cordel, podemos observar o cuidado de se preservar o meio ambiente, evitando problemas como da falta de água, contaminação dos rios, ocasionando problemas de saúde e ambientais de grande proporção:

Á água pura de beber  
É bastante limitada  
Água salgada tem muita  
Mais de toda água somada  
Dois por cento é água doce  
O resto é água salgada.

Os afluentes de fábrica  
De abatedouro e curtume  
Matam algas, peixes, plantas  
E pelo que se presume  
Produzem os gases tóxicos  
Fazem nascer o chorume

Um saco plástico inocente  
Grande mal pode fazer  
Não se degrada na chuva  
Mata o bicho que o comer  
E passa uns quinhentos anos  
Para a terra o dissolver.

Não jogar lixo na rua  
Nem em terreno baldio

Manter nosso mundo limpo  
 Chega a ser um desafio,  
 O lixo a chuva carrega  
 E vai poluir o rio.  
 (MONTEIRO, 2000).

O autor chama a atenção para a necessidade de uma atitude ecológica e compromissada com os problemas ambientais, quando se refere ao chorume, que consiste numa espécie de resíduo do lixo que possui coloração escura e que produz efeito danoso no ecossistema. E que, ainda pode contaminar os aquíferos e lençóis freáticos, acarretando num dano ambiental. Todavia, o poeta faz alusão a um trabalho educativo, alertando o leitor para os cuidados que devemos tomar em relação ao meio ambiente, a exemplo nos trechos “não jogar lixo nas ruas e nem nos terrenos baldios”.

Na literatura de cordel, o Nordeste está presente em seus versos, na medida em que o poeta cordelista trabalha com base em diversas temáticas e problemáticas da região. Nesse caso, também busca a preocupação com a questão do meio ambiente, como se percebeu em parte da sua temática.

A paisagem do sertão e os problemas sociais serviram de palco inspiração de muitos cordéis que versavam sobre um Nordeste marcado pela fome, pela miséria e pela pobreza, reflexos da seca que fazia parte da composição da região, conforme nos mostra o poeta Leandro Gomes de Barros:

Seca as terras as folhas caem  
 Morre o gado sai o povo,  
 O vento varre de novo;  
 Rebenta a seca de novo;  
 Cinco, seis mil emigrantes  
 Flagelados retirantes  
 Vagam medingando o pão,  
 Acabam-se os animais  
 Ficando limpo os currais  
 Onde houve a criação.  
 Não se vê uma folha verde  
 Em todo aquele sertão...

Os touros que nas fazendas  
 Entravam em lutas tremendas,  
 Hoje nem vão mais ao campo  
 É um sítio de amarguras  
 Nem mais nas noites escura  
 Lampeja um só pirilampo.

Mas tudo ali é debalde

O inverno é soberano  
 O tempo passa sorrindo  
 Por sobre o cadáver humano  
 Nem uma nuvem aparece  
 Alteia o dia o sol cresce  
 Deixando a terra abrasada  
 E tudo à fome morrendo...

(BARROS,1992).

Podemos observar que o poeta destaca as secas e as causas sociais provindas do desequilíbrio climático na vida dos sertanejos. Seus reflexos estão expressos na paisagem da seca do sertão, atingindo a fauna, gerando fome e miséria das pessoas que habitam essa região.

Dentre muitos aspectos que marcam a região Nordeste, a seca tem um grande destaque. A escassez das chuvas ocasiona uma ação danosa à fauna, a flora, e aos moradores que habitam o Sertão nordestino. Os impactos causados geram prejuízos aos agricultores, como perda de plantações e animais, a falta de produtividade causada pela seca provoca a fome e muitos estão representados em inúmeros cordéis:

Sinistros mandacarus  
 Erguem-se à beira da estrada  
 De vegetação rasteira  
 Faz tempo não resta nada,  
 Também a de grande porte  
 Será logo esturricada.

Porque já são cinco anos  
 De seca consecutivos  
 Dizimando fauna e flora  
 E os saldos negativos  
 Nos mostram bois esqueléticos  
 Milagrosamente vivos.

(SILVA, 1998).

O poeta destaca a seca que é um dos fenômenos naturais que significativa relevância na geração de problemas sociais marcantes do Nordeste. Isso, devido os problemas que ela pode ocasionar aos habitantes, a fauna e a flora. Neste sentido o autor descreve as plantas xerófitas, com o mandacaru, que são adaptadas aos longos períodos de estiagem.

Devido à escassez de chuvas torna difícil a vida nessa região. Pois a seca assola a vida dos habitantes e dos animais que vivem na região, como o gado. Eles sofrem com a severa estiagem, sem chuva. O pasto fica reduzido e o gado debilitado pela falta de alimento. Muitos animais morrem de sede e fome.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura (FREIRE, 2005, p. 51).

No espaço nordestino, pode ser identificado e visualizado os diferentes aspectos que evidenciam valores, costumes, formas de viver, laços de sociabilidade e de convivência de uma região. Numa esfera específica ressaltamos a literatura de cordel, a presença da feira livre como lugar social, que traduz valores identitários. Sob uma perspectiva educacional e cultural, a feira livre é apresentada como um lugar propício à cultura e à educação, e que podem ser entendidas a partir da percepção de como os trabalhadores desenvolvem suas atividades de varias formas de comercializar suas mercadorias para sobrevivência.

Tem tamborete, urupema  
Brinquedos de mulungu,  
Raspa-coco, ratoeira,  
A castanha de caju  
E os bonecos de barro  
De lá de Caruaru.

Artesanatos notáveis,  
Feitos com desenvoltura  
Nossa arte popular  
Genuinamente pura  
Sabedoria do povo  
Transformada em cultura

Tem artigos da umbanda  
Arte sacra, candomblé  
Defumadores e velas,  
Imagem de São José  
Artigos carnavalescos,  
Caniço e jereré.

(QUEIROZ, 2003).

O poeta descreve a feira como um evento em um local público em que as pessoas, em dias e épocas predeterminados, expõem e vendem mercadorias. Nesse espaço observamos elementos educacionais. Identificamos uma democracia entre rural e urbano, pois pessoas oriundas desses dos dois universos e de diferentes camadas sociais circulam num ambiente da feira e do mercado e trocam experiências, criam interações sociais que se manifestam nas

relações de sociabilidade, nas amizades, nos laços de solidariedade que são construídos. Essa prática é importante para preservação e valorização da cultura local, pois podemos encontrar vários tipos de mercadorias típicas da região.

O cangaço é outro elemento que ganhou evidência no cenário regional e nacional através da literatura de cordel. Através de seus folhetos, o cangaço contribuiu para revelar a outra face do Nordeste. Manoel Monteiro, por exemplo, encara o cancaceirismo como um mero movimento de desordeiros. Ele afirma que os cordelistas que “aplaudem” Lampião como um justiceiro é na busca do sucesso de público. E afirma que estes poetas populares apenas compactuam com criminosos. Diz ser “verdade” as narrativas de seus versos:

Todo cordel produzido  
Com, ou sem inspiração,  
Mostrando a VIDA e os CRIMES  
Do facínora Lampião,  
Não soube, ou fez-se esquecido,  
Que só aplaude bandido  
Quem admira ladrão.

Tem centenas de folhetos  
Sobre a vida dessa escória,  
Mas, se uns não dizem nada,  
Outros lhe cobre de glória;  
Sem pesquisa de diluem,  
E, em nada contribuem  
Com subsídio para a história.

Ainda hoje a imprensa  
Toda hora e todo instante  
Procura justificar  
Conduta de meliante  
Do tipo de Lampião  
Dizendo que a exclusão  
É o fator dominante.

Só entrava no cangaço  
Quem odiasse a justiça  
Invejasse os bens alheios  
Fosse um servo de cobiça  
Beijasse os pés da maldade  
Amasse a perversidade  
Tivesse a mente enfermiça.

(MONTEIRO, 2010).

Lampião, por exemplo, representava, através do cangaço, o nordestino que, espoliado de suas condições, mostra sua força e luta contra as injustiças e adversidades da vida,

transformando-se, muitas vezes, num bandido. De injustiçado a bandido, essa foi a travessia que muitos nordestinos fizeram. O autor supracitado tem visão relativamente conservadora. Encara o cangaceirismo como um desastroso surto de violência gerador de pânico. Inclusive, critica alguns representantes do Nordeste que reivindicam a construção de um monumento da figura de Lampião. Ele diz que isso seria adoração a um assassino.

## **5 PRODUÇÃO DE CORDÉIS PELOS ALUNOS**

No processo de confecção do folheto de cordel com os alunos, a ênfase foi dada a paisagem cultural ou geográfica, já que é resultante da ação humana e expressa as marcas do tempo e da cultura. Assim, as pessoas apresentam diferentes versões do mesmo fato em meio à percepção, representação, imaginário e simbolismo os quais identificamos nas leituras e interpretações dos cordéis. Assim, passamos a discutir em sala de aula a relevância do cordel para a sociedade, especificamente para o nordestino.

Ao fornecer meios para a interpretação e compreensão da sociedade, o cordel tem representado não só o Nordeste, mas também, o Brasil, através dos conteúdos que tematiza. Têm sido múltiplos os caminhos dos folhetos de cordel, porque elaboram desde histórias fantasiosas, passando por aquelas em que os poetas populares ainda se pautam numa visão mais conservadora da sociedade e da cultura, até outras que apresentam uma postura mais crítica do mundo e da vida (ARAÚJO, 2007, p. 214).

À medida que o cordel destaca elementos da paisagem, como o relevo, a hidrografia, as manifestações culturais, entre outros elementos que fazem correlação com a realidade específica, os alunos passaram a melhor contextualizar os conceitos geográficos uma vez que o cordel é um recurso que lhes permite a associação com o espaço literário com o espaço vivido. Nesta construção de sentido, os alunos perceberam que a paisagem revela todo um contexto espacial. A paisagem representa um conjunto de formas naturais e culturais associadas em uma dada área, que pode ser visível ou não, e de acordo com Santos (1994), não se forma apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. É o conjunto de objetos que nosso corpo alcança e identifica.

A pesquisa com os cordéis teve início em maio de 2013, com duração de três semanas, sendo quatro aulas por semana. Para tanto, examinamos vários folhetos, nos quais os poetas dão alusão aos conteúdos geográficos que enfatizam questões relativas ao social, cultural e ao educacional. Os cordéis analisados foram essenciais para construção final dos cordéis, pois os

alunos identificaram conteúdos condizentes com sua realidade local.

Após realizada a pesquisa bibliográfica em sala de aula, o trabalho de campo foi realizado em (2) dias, sendo (4) quatro aulas, da primeira semana do mês de junho de 2013, que constituíram em registros do visível (paisagem mogeirense). Partimos, portanto, para observação (compreensão do espaço geográfico visível), percorrendo a cidade de Mogeiro-PB, nos quais os alunos puderam aproximar o espaço vivido cotidianamente contextualizando com os cordéis analisados.



Figura 1- Rua de Mogeiro-PB. Fonte: Erica. 2013.

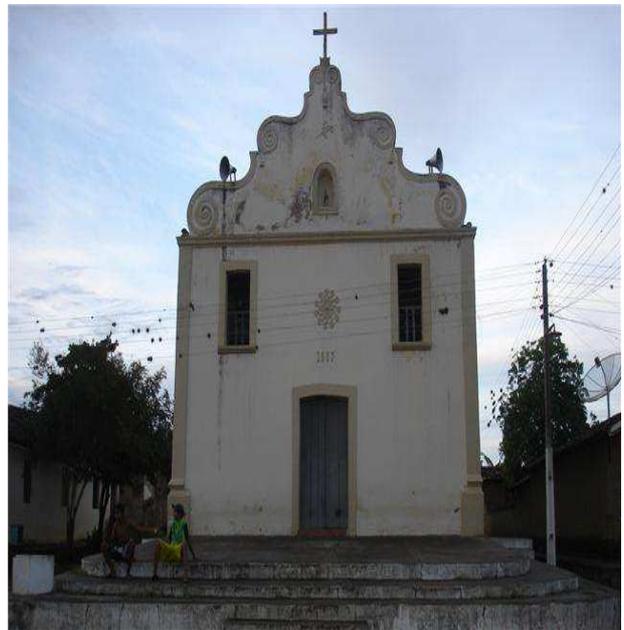


Figura 2 –Igreja antiga. Fonte: Walmir. 2013.

### **Fotos de paisagens de Mogeiro-PB, durante aula de campo:**

Após o término das análises de campo, iniciamos na segunda semana do mês de junho as discussões em sala de aula sobre cordel na geografia, debatendo os conteúdos referentes ao contexto espacial da cidade, através dos dados anotados nas aulas de campo. Então, passamos a compreender como se produz um cordel – não levamos em consideração as métricas, pois o que mais nos interessava era a abstração do teor geográfico, e não as questões técnicas. Zelamos pelas rimas. Abaixo segue um exemplo dos cordéis produzidos:

Hoje em dia nos vivemos  
 Numa Mogeiro diferente  
 Mas é o coração do povo  
 É na alma da essa gente

Com dueto eterno  
Do homem “honrado e valente”

A feira de Mogeiro  
Vende de tudo, todo dia inteiro  
Verduras, frutas, legumes  
Ate lavage pra chiqueiro  
Só não vende gavião  
Pra não matar as galinhas do puleiro

Tô em outra cidade  
Mas só penso em Mogeiro  
Queria voltar pra La para ver os caminhoneiros  
Vejo as belas paisagens  
As donas varrendo o terreiro  
Uma noite sai de casa só  
Para ir para Mogeiro  
Quando cheguei La tinha  
Muita gente no terreiro  
Muitos meninos maravilhosos  
Que estavam solteiros

Eu deixo a vida como deixo o deserto  
O poeta caminhoneiro  
Como as horas de um longe pesadelo  
Que se desfaz ao dobro de um sincero  
E tudo assim lindo  
Na cidade de Mogeiro...

Só que aqui é muito bom  
Mais só tinha carroceiro  
Mais os alunos de hoje  
Estudam só para ser engenheiro  
Eu deixo a vida como deixo  
Na cidade de Mogeiro.

Autores: (Erica, Fernando, Marlkelene, Emerson, Luzia, Lívia, Eduarda, 8º ano).

A partir das análises dos cordéis, os alunos começaram a expor suas ideias relacionadas ao contexto geográfico ao mesmo tempo em que passavam a verbalizar os primeiros versos criados por eles, diante dos demais colegas de sala de aula. Era o início da nossa produção/confecção dos cordéis que foram concluídos nas (3) últimas semanas do mês de junho.

O cordel como ferramenta de ensino propiciou ao aluno a fazer leituras críticas da paisagem e do espaço. Assim como incentivar o processo de associação sonora com escrita, daí transformar textos em paródias e identificar tópicos geográficos dentro de diversas narrativas, ou seja, descrever sua realidade local de forma quase poética, porém realista.

Vale salientar que o método utilizado em sala de aula serviu não somente para a interpretação do cordel, mas da literatura como um todo. Dependendo da forma de análise, o método é baseado em interpretações de realidades e casos distintos. Em nosso caso, deu-se ênfase a geografia cultural, com destaque ao aproveitamento humano na terra. Ou seja, levamos em consideração o lado cultural da humanidade como elemento da ciência geográfica (homem-meio) como mostra o cordel abaixo:

As mulheres hoje em dia  
 Não querem ser fazendeiras  
 Mas quando o assunto é marido  
 Elas são o bute de namoradeiras  
 Vivem acompanhando os homens delas  
 Não estão dando bobeira

Relexar é pra mulher  
 Pra homem é bom demais  
 Era quando a boisinha  
 O negócio esquenta muito mais  
 Muita trabalhadeira não  
 Se encontra nunca mais

Da minha casa pra Ca  
 Vemos há uma porteira  
 Vejamos sempre um cidadão  
 Fazendo a maior gritadeira  
 Sendo tem uma mulher  
 Que fala muita lezeira

Não vamos a escola  
 Pra não ter muita brincadeira  
 Mas quando revemos ir  
 Vejamos muita besteira  
 Ter amiga é muito bom  
 Mas não de gente encrenqueira

Autores: (Yuri, Walmir, Aroaldo, Roberto, 8ºano).

Após semanas trabalhando em sala de aula, os alunos construíram os cordéis perante ideia de que a geografia de Mogeiro-PB era retratada em seus versos. Ao mesmo tempo, eles geografizavam tal história a partir do cotidiano citadino, contextualizando com sua subjetividade. Foi, portanto, um trabalho em conjunto, dividido por equipes de quatro pessoas, com algumas variantes. Cada equipe construiu uma séria de versos que, após analisados, foram selecionados e agrupados em seqüência lógica. E assim, finalizou-se a confecção do nosso cordel supracitado nos versos das páginas anteriores (26 e 27).



Figura -3 Cordéis analisados. Fonte: Josean. 2013. Figura-4 Alunos analisando cordéis. Fonte: Josean. 2013.

### **Fotos de cordéis e de alunos expondo-os após leituras e declamações de versos:**

Consideramos que o método etnográfico permitiu vivenciarmos o cotidiano mogeirense, e assim melhor discorrer sobre os aspectos geográficos mais relevantes da cidade em questão. Neste caso, compreendemos que cultura e paisagem se materializam na construção identitária de um povo. Caso procuremos uma definição consagrada de etnografia, podemos arriscar, de acordo com Shweder (1997), dizer que se trata de uma forma de investigação que recolhe dados com a preocupação de *compreender a (i) racionalidade do outro*, o outro cultural, o outro submisso, o outro iletrado.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Cordel e educação podem caminhar juntos nos espaços escolares formais, bem como nos espaços informais. Nesta oportunidade, ao ser utilizado como ferramenta pedagógica, o cordel estimulou a compreensão espacial dos alunos. O artigo trabalhado permitiu uma melhor compreensão do espaço geográfico por parte dos alunos do oitavo ano “D”. Deste modo, percebemos que a literatura de cordel é um elemento didático relativamente significativo no contexto escolar, principalmente no Nordeste brasileiro – região de características singulares.

As análises dos folhetos de cordéis dos poetas nos levaram a reconhecer a importância de se utilizar como ferramenta de ensino nas aulas de geografia, assim como a utilidade sócio-educativa de sua arte ao trabalhar com temas que contemplam diferenças culturais e de identidades.

A forma como o indivíduo capta e interpreta a realidade vai determinar sua relação com o mundo objetivo e sua pluralidade de significações. É na cultura que ele vai encontrar os primeiros elementos para construção de discernimentos, ou seja, a consciência de sua temporalidade e de sua historicidade (BRENNAND, 2003, p. 80).

A produção dos cordéis pelos alunos mostrou resultados positivos e motivadores, contribuindo para ampliar o conhecimento didático. Pois cordel e de educação implica mover práticas pedagógicas conservadoras na direção de práticas mais criativas, capazes de gerar novos valores para a coletividade e de enriquecer a cultura humana, através de uma formação mais próxima da realidade cotidiana.

A tarefa do educador, então, é a de problematizar aos educandos conteúdo que os mediatiza, e não de dissertar sobre ele, de dá-lo, de estendê-lo de entregá-lo, como se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado Neste ato de problematizar os educandos, ele se encontra igualmente problematizado (FREIRE, 2005, p.81).

Vale ressaltar a função social e cultural que essa manifestação cultural exerce nas novas gerações, pois os cordéis, enquanto ferramenta educativa encontra suas raízes fincadas no saber popular que não deve ser desvinculado do processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido os pontos mais positivos foram identificar o gosto pela leitura na maior parte dos alunos. Assim como vê-los compreender a dinâmica espacial de seu local de moradia de forma prazerosa, e ainda com capacidade crítica de compreender as complexidades nacionais e mesmo mundiais. Os desenhos, representações das xilogravuras típicas dos cordéis, foram às formas mais dinâmicas de expressarem suas visões perante o espaço local.

Segundo Freire (2005), o homem é um ser de relações, uma vez que é criador de significados, portanto, é um ser cultural, social e histórico. Por isso, é nas relações que estabelecemos através da cultura e da educação que a vida ganha sentido e, no ambiente escolar, elas podem se ampliar.

De um modo geral, além dos conteúdos relacionados à ciência geográfica, identificamos que os alunos passaram a produzir conhecimentos sobre sua cidade, a partir de suas observações, de suas óticas, com toda uma conjuntura geográfica. E ainda, ficaram estimulados a pensar na geografia a partir do seu próprio meio, de sua realidade e estabelecer relações de leituras, traduções e interpretações da saga espacial da cidade de Mogéiro- PB.

### **ABSTRACT**

Cordel literature can be understood as a teaching resource because is a descriptive element of a social/cultural reality. Therefore, it is a reading of the geographical space according to popular poets' views. Thus, this work aims to develop the critical and reflective ability of learners through the reading of geographical space through the Cordel literature in Geography classes in Elementary School II. This paper presents the local northeastern roots, and at the same time, reality and fiction, in the midst of teaching and learning, with the poetic art of the Cordel from a geographical perspective, so students can make a brochure in the light of local geography. In order to do that, we will use the ethnographic method on participant research so as emphasize the different arrangements of space observation, because according to André (2010), this method describes the everyday actions among the actions and representations of their social actors within the geographical space. By facing the local reality, the making of the Cordel brochure gave the classmate a perception of geographic content, materialized in the form of simple rhymes. It also tried to make them build a reading of the visible space in a poetic, however realistic way, from the contents of a given spatial area study identified in the city of Mogéiro-PB.

Keywords – Cordel Literature, teaching geography, Cordel as a teaching tool, a reading of the geographical space.

### **REFERÊNCIAS**

ABNT- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS Impresso no Brasil, versão 2007.

ANDRÉ, Maeli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papiros, 2010.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de. **A cultura dos cordéis: território(s) de tessitura de saberes**. [Tese de doutorado]. JOÃO PESSOA, 2007.

BARROS, Josias Silvano de. **Lampião: Memórias e Estórias**. [Monografia]. CCH/UEPB, Guarabira, 2008.

BARROS, Leandro Gomes de. **Vida e testamento de canção de fogo**. Cordel, s/d, ed. Queima-Bucha, Mossoró: Rio Grande do Norte.

\_\_\_\_\_. **A seca do Ceará**. In: Literatura popular em Verso. Antologia. Rio de Janeiro: MEC/FUNDAÇÃO RUI BARBOSA/ FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DO NORDESTE, 1992. Tomo II. Coleção Textos da Língua Portuguesa Moderna.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisar – Participar. In: BRANDÃO, C. R. (org.) **Pesquisa Participante**, 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Ed.: EDIPUC: Porto Alegre, 2001.

BRENNAND, E. G. G. Paulo Freire e a pedagogia do diálogo. In: BRENNAND, E. G. G. **O labirinto da educação popular**. João Pessoa: UFPB, 2003.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; (Orgs); CALLAI, H. C. KAERCHER, N. A. **Ensino de geografia**. Porto Alegre/RS, Mediação, 2009.

CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; (ORG.); CALLAI, H.C. KAERCHER, N. A. Ensino de geografia. Porto Alegre/RS, Mediação, 2009.

CASCUDO, Luiz Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. Porto Alegre: Globo, 1939.

CAVALCANTI, Lana de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas (SP), Papyrus, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. São Paulo: Vozes, 2005.

FILIZOLA Roberto; KOZEL, Salette. **Teoria e prática do ensino de Geografia**. São Paulo: FDT, 2009.

FINO, Carlos Nogueira. **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais**. 2008.

FORQUIN, C. **Escola e cultura**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução por Tomaz Tadeu da SILVA, Guacira Lopes LOURO. – 11<sup>a</sup>. ed. – Rio de Janeiro:DP&A, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.

LIBANELO, José Carlos; Oliveira ferreira João de. **Organização e gestão da escola: os professores e a construção coletiva do ambiente de trabalho**. In: Educação escolar: Políticas, estrutura organização. São Paulo: Cortez, 2007.

LOPEZ, Jecson Girão. **A geografia humanística como ferramenta de ensino**. Geosaberes Revista de Estudos Geoeducacionais. Universidade Federal do Ceará. v.1, n. 2, Dezembro. 2010.

LUYTEN, Joseph. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MONTEIRO, Manoel. **Nos tempos das poucas águas**. Campina Grande, 2000. Folheto de cordel.

\_\_\_\_\_. **Lampião: herói de meia tigela**. Campina Grande/PB, 2010. (Cordel).

QUEIROZ, Pedro. **Mercado São José**. Recife, 2003. Folheto de cordel.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

SANTOS, Clezio. **O Estágio Participativo na formação de professores de Geografia do ensino fundamental e médio**, 2006.

SANTOS, Milton. **Um guardião da utopia**. Rio de Janeiro: J.B., 1997.

\_\_\_\_\_. **Técnica espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo, Hucitec, 1994.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **A seca mais clamorosa da História do Nordeste**. [S. l.], 1998. Folheto de cordel.

SILVA, Joseilton José de Araujo. **A utilização da literatura de cordel como instrumento didático metodológico no ensino de geografia**. João Pessoa, 2012.

SILVA, Silvio Profirio da. *etal...* **Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade...** Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 303-322, jan./jun. 2010.

SHWEDER, Richard A. **A rebelião romântica da antropologia contra o iluminismo, ou de como há mais coisas no pensamento para além da razão e da evidência.** Educação, Sociedade & Culturas, nº8, 1997.